

ENSAIO SOBRE ESTRUTURA E IDENTIFICAÇÃO: A CONDIÇÃO DA CATEGORIA GÊNERO NA PSICANÁLISE

ESSAY ON STRUCTURE AND IDENTIFICATION: THE CONDITION OF THE GENDER CATEGORY IN PSYCHOANALYSIS

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p153-160

Resumo

Este ensaio está organizado em três partes. Primeiramente é retomado o histórico das produções feministas que contribuíram para a desconstrução da naturalização dos gêneros a partir da sua relação com o sexo anatômico. Em seguida, busca-se algumas aparições da categoria gênero nos textos de psicanálise de Sigmund Freud, e o embate estabelecido pelas feministas com relação aos conceitos desenvolvidos pelo autor, em especial, sobre os complexos de Édipo e Castração. Por último, a partir da leitura do nono seminário (A Identificação) do estruturalista Jacques Lacan, analisa-se o lugar ocupado pelos sujeitos trans que vivem experiências fora das margens binárias das performances e dos papéis de gêneros construídos sócio culturalmente. Para isto, as identidades de gênero serão analisadas a partir da identificação com o significante vazio lacaniano, possibilitando aos leitores entender o Queer como experiência fora da estrutura de identificação e ao mesmo tempo dentro, na condição de um outro significante.

Palavras-chave: Psicanálise; Identificação; Teoria Queer.

Abstract

This paper is organized in three parts. First resumes the history of feminist productions that contributed to the deconstruction of the naturalization of genres from its relationship with the anatomical sex. Then seeks to some appearances of gender category in psychoanalytic texts of Sigmund Freud, and the clash established by feminists regarding the concepts developed by the author, in particular on the Oedipus complex and castration. Finally, from the reading of the ninth seminar (A Identification) structuralist Jacques Lacan, analyzes the place occupied by trans subjects living experiences outside of the binary edges of performances and gender roles built culturally partner. For this, gender identities will be analyzed by identifying with significant Lacanian empty, enabling readers to understand the Queer as experience outside the identification structure while inside, provided another signifier.

Keywords: Psychoanalysis. Identification. Queer theory.

Alex Barreiro

Doutorando Unicamp GEPEDISC.

E-mail: barreiroalex86@gmail.com

Gênero e Feminismos: um breve histórico

Não se nasce mulher: torna-se mulher: nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É o conjunto da civilização que elabora esse produto. (BEAUVOIR, 1980: 09).

O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípios de regulações. (FOUCAULT, 2010: 159).

Ao longo do século XX e em especial a partir de 1923¹, as indagações de Freud sobre a origem da diferença sexual e da construção da masculinidade e feminilidade nas crianças têm sido objeto de discussão, debates e controvérsias nos estudos da psicanálise. Um problema central provocado pelos estudos freudianos é o fato de ter tomado o sexo biológico e o desenvolvimento da sexualidade como fundamento para a construção do masculino e feminino, provocando grande polêmica, inaugurada, talvez, por Simone de Beauvoir, num livro fundador, *O Segundo Sexo* (1949):

Assim como sua evolução genital, vê-se que o conjunto do drama sexual é mais complexo na menina do que em seus irmãos; ela pode ser tentada a reagir ao seu complexo de castração recusando sua feminilidade, obstinando-se em cobiçar um pênis e em identificar-se ao pai, essa atitude conduzi-la-á a permanecer no estágio clitoridiano, a tornar-se frígida ou a voltar-se para a homossexualidade (BEAUVOIR, 1970: 62).

A autora interrogou o legado epistemológico androcêntrico que no decorrer da história ocidental e das ciências tratou as masculinidades e as feminilidades enquanto produtos e entidades naturais, ou seja, pertencentes a uma suposta natureza sexual. Desta forma, Beauvoir (1949) chamou a atenção para os efeitos culturais que no proceder das balizas históricas constituíram o sistema sexo-gênero enquanto fruto de uma unidade corpórea, anatômica.

O segundo sexo colaborava para a desconstrução de valores e privilégios consolidados, abrindo espaço para que novas investidas do pensamento feminista desarticulassem categorias até então homogeneizadas, como: sexo, gênero e sexualidade.

Foram através dos chamados “novos”² movimentos feministas que algumas autoras (SCOTT, 1990; SPIVAK

1994; BUTLER, 2008; HARAWAY, 2009) passaram a denunciar o dispositivo³ de manutenção da maquinaria de produção de corpos dóceis e obedientes, que sistematizava sexo-gênero-sexualidade sob um olhar marcado pelo binarismo e por uma perspectiva patologizante. Dispositivo denominado *heteronormatividade*⁴ (BUTLER, 2008).

É neste cenário social e político pós-revolução sexual e dos movimentos contraculturas que um conjunto de ideias que denunciavam o corpo como objeto de condicionamento e domesticação (portanto, meio passivo sobre o qual se inscrevia significados culturais) que as obras de alguns autores ganharam importância e visibilidade, trazendo à tona estudos e saberes que até então estavam centrados na psicanálise. Refiro-me a sexualidade infantil e aos desejos sexuais. As produções⁵ teóricas e as pesquisas do filósofo Michel Foucault marcaram esta tomada de importância do corpo e da sexualidade sob o prisma da crítica filosófica.

O legado de Foucault influenciou os estudos feministas e as novas abordagens sobre as problemáticas de gênero, compreendendo este “ser e fazer” não apenas como um papel social historicamente construído sobre o sexo, mas como um efeito dinâmico estilizado a partir das relações de poder estabelecidas (BUTLER, 2008).

Em *Problemas de Gênero* (2008), obra de Judith Butler é possível perceber a influência do pensamento de Foucault e a maneira pela qual ela se apropriou dos

desses movimentos terem emergido após o movimento operário e trabalhador e por trazerem para a arena pública demandas políticas que estavam além de redistribuição econômica, e passando a denunciar o corpo enquanto território sob o qual o Estado governa, daí a necessidade de desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e das desigualdades de gênero e sexuais. Os chamados novos movimentos sociais estão com suas preocupações inclinadas para o controle biopolítico exercido sobre os sujeitos e pela fabricação de identidades que isso implica.

3 O dispositivo é: “1) a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. 2) O dispositivo que estabelece a natureza do nexo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Por exemplo, o discurso pode aparecer como programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação a *posteriori* dessa prática, oferecer-lhe um campo novo de racionalidade. 3) Trata-se de uma formação que, em um momento dado, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem assim uma função estratégica”. (CASTRO, 2009, p. 124)

4 A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. “Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Autêntica Editora, 2012, pp. 43-44).

5 Dentre suas produções, destacam-se: *História da Sexualidade: a vontade de saber*; *História da sexualidade – volume II: o uso dos prazeres e História da sexualidade – volume III: o cuidado de si*. Além dos cursos oferecidos em 1975 no Collège de France, publicados sob o título de “Os Anormais”.

1 Sigmund Freud teoriza a fase fálica e sua preeminência para o compreensão da identidade sexual de meninos e meninas.

2 O termo “novo” é utilizado, conforme Miskolci (2012) pelo fato

conceitos e formulações teóricas do autor para explicar que assim como a sexualidade, as identidades de gênero também são frutos de relações de poder: elas são customizadas, e, portanto, passíveis e possíveis de desconstruções. Ou seja, trata-se de identidades forjadas que, quando destituídas, deixa em evidência sua condição enquanto papel social, de plasticidade, atuação e poder.

Nesse sentido, o *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *A genealogia da moral*, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do torna-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra – o obra é tudo”. (BUTLER, 2008: 48)

Gender Trouble tornou-se um marco dentre as relevantes contribuições acerca das temáticas – gênero e feminismos -, pois ao desestabilizar as noções de identidades que supostamente habitavam uma metafísica da substância do gênero (mesmo que já anteriormente compreendidos como elaborações socioculturais produzidas na história) o conceito de *performatividade* abriu possibilidades para se questionar não apenas o caráter nômade e transitório do que vem a ser homem ou mulher, ou masculino e feminino, mas tocou em um ponto fundante nas estruturações das teorias psicanalíticas. Refiro-me ao complexo de *Édipo e castração*, que podem ser compreendidos como pilares do edifício da psicanálise, justificando noções de reconhecimento e assujeitamento sexual das crianças. Mas, afinal, de que identificação ou reconhecimento se trata quando por trás do sexo anatômico não se esconde nenhuma verdade do que é ser homem ou mulher, masculino ou feminino em sociedade?

Édipo e Castração: a(s) crítica(s) feminista(s) à Freud

Para Freud, o complexo de castração é uma experiência psíquica, vivida de forma inconsciente pela criança em um determinado momento de sua vida (por volta dos cinco anos, no caso do pequeno Hans⁶ e decisiva para a constituição de sua identidade sexual, e, portanto, de seu reconhecimento em ser homem ou mulher em sociedade. A castração, contudo, não pode ser circunscrita num determinado momento da vida infantil, pois renova-se

de maneira incessante ao longo da existência do indivíduo, e encontra-se em jogo na cura analítica do paciente adulto (LARA, 2011).

A castração e o complexo de Édipo juntos, comporiam a base estrutural dos desejos, a qual funda e institui o sujeito na sua relação com os processos de subjetividade. Os textos psicanalíticos nos apresentam o Édipo e a castração operando nas escolhas objetais até o fim de nossa existência, pois é através da fantasia e do medo da castração que o complexo buscaria sua principal via de estruturação do sujeito, como mencionou a pesquisadora Lara (2011).

Para Freud, a entrada da menina quanto do menino na castração está ligada ao pênis, ora marcado como ausência, ora enquanto medo da perda. Desta forma, quando os meninos verificam na vagina uma distinção anatômica, inicialmente esta distinção não é interpretada como uma diferença sexual: o clitóris passa a ser compreendido como um pênis que irá se desenvolver. *A posteriori* ele acredita que o pênis foi extraído e esta consideração provoca-lhe medo de perder o seu, levando-o a refletir sobre o que seria necessário fazer ou renunciar para não perdê-lo.

A menina acredita que seu pênis em breve crescerá, não generalizando a percepção da falta do pênis em todas as mulheres, sendo levada a acreditar que aquelas que o perderam foram castigadas, portanto, castradas. Assim, o que marca a diferença estrutural entre meninos e meninas quanto à castração é, de acordo com Freud, em “A dissolução do complexo de Édipo” de que a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto que o menino teme sua ocorrência, como bem destacou Lara (2011).

Em seu texto “algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, de 1925, Freud interroga as razões que levam a menina a abandonar a mãe como objeto de amor, dando lugar ao pai. O autor reflete que o fato está associado à “inveja do pênis”, pois ao não ingressar na fase fálica e por reconhecer que seu pênis não irá se desenvolver, a menina culpa sua mãe pela incompletude, levando os laços que estreitavam suas relações a se fragilizarem. Sendo assim, ela volta-se para o pai, obtendo conquistar dele o pênis que não possui, e adiante o bebê.

Fica instaurada nesta dinâmica a diferença entre a vinculação do complexo de Édipo e castração nos dois sexos (Lara, 2011). Enquanto na menina o Édipo é introduzido pelo complexo de castração, no menino a castração é que destrói o complexo de Édipo, pois nele os investimentos edípicos incidem na substituição que passam a constituir o superego, instaurando a proibição do incesto⁷, renunciando o amor pela mãe e protegendo o ego de novas investidas libidinal edípica.

6 FREUD, Sigmund. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*: (o pequeno Hans). Rio de Janeiro: Imago Editora, 2012.

7 Freud faz da teoria da castração, tanto no terreno da sociedade primitiva (ver Totem e Tabu) ou da família conjugal burguesa, moderna, o princípio universal da regulação psíquica e de normalização das pulsões.

Esta estrutura do funcionamento psíquico inaugurada por Freud foi fortemente criticada pelas teóricas feministas, que o acusaram de uma concepção falocêntrica por privilegiar o lugar ocupado pelo pênis em detrimento da vagina, e associando genitalidade à identidade de gênero.

Entretanto, pesquisadores (LAPLANCHE, 2003; CECARELLI, 2010; LATANZZIO, 2011) apontam que Freud chegou a separar gênero de sexo anatômico de uma forma classificatória que inaugurava numa etapa anterior à castração, podendo ser denominada por “segundo gênero”.

Em seu texto de 1908, Sobre as teorias sexuais das crianças, Freud nos convida a imaginar uma situação em que, despojados de nossa “existência corpórea” e como “seres puramente pensantes” vindos de outro planeta, chegássemos a Terra. Neste planeta desconhecido, o que mais nos chamaria a atenção seria a existência de dois sexos (ou de dois gêneros).

Tal distinção seria feita pelos “sinais externos mais óbvios”, sem levar em conta a existência de uma diferença anatômica (CECCARELLI, 2010: 273).

Portanto, a criança, ao nascer com pênis ou vagina, ou mesmo antes do nascimento por meio de diagnósticos, já se encontra imersa em um universo cultural e discursivo que a engendra, aceitando sem questionamentos a existência de um pai e uma mãe, de uma série de regulamentos e prescrições que a posicionam em seu lugar no mundo, constatando que as pessoas possuem vestimentas distintas, podem fazer determinadas coisas ou não, e posteriormente sinalizam a distinção marcada propositalmente por uma diferenciação sexual. Essa distinção só é possível, de acordo com Freud (1908), porque a lembrança das crianças mais antigas já incluem um pai e uma mãe.

Além deste conjunto social e cultural prescritivo, também temos o olhar da criança que, de acordo com Ceccarelli (2010) gradativamente vai transformando o corpo anatômico (real) em corpo sexuado, ou, diria eu, em corpo generificado (real e simbólico).

(...) é possível dizer que, em Freud, existe uma classificação segundo o gênero; uma distinção que começa em uma etapa anterior à castração, sem levar em conta a anatomia, cuja base é a diferenciação pai/mãe. A apreensão dos gêneros se faz sem levar em conta o órgão sexual. A presença ou a ausência do órgão sexual masculino ou feminino não constituem garantia de que o sujeito se coloque do lado dos homens ou do das mulheres (CECCARELLI, 2010: 274).

A transexualidade pode ser percebida como um exemplo desta problemática. A estruturação binária generificada é posta às crianças desde o nascimento, desconsiderando o pulsional. Esta é uma das possibilidades para apontarmos as razões de uma inexistência de uma

“teoria do gênero” nos estudos de Sigmund Freud, como mencionou Ceccarelli (2010).

Ceccarelli destaca que ao retomarmos cuidadosamente a leitura dos textos do autor, observando sua escrita no que tange ao feminino e ao masculino, veremos que Freud avançou nestas discussões de gênero com relação às produções de seu tempo, pois apesar de trabalhar numa concepção binária, em uma nota de rodapé em sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” ele desarticula essas categorias ao dizer que tanto as masculinidades quanto as feminilidades *são pontos de chegada e não de partida*. Sendo assim, ele recusa qualquer determinismo biológico na constituição do gênero, sobretudo, com relação ao anatômico. Portanto, não há essência ou natureza na relação entre a anatomia e o papel de gênero, mostrando que as configurações deste processo seriam algo muito mais complexo e de conotação subjetiva.

Trava-se aqui um embate. De um lado afirmativas que justificam haver em Freud uma separação entre o anatômico e a identificação psíquica da criança com o gênero, além da teoria libidinal de que as crianças são *perversos polimorfos*⁸. Estes apontamentos discordam de qualquer determinismo entre sexo e gênero ou investidas heteronormativas por parte do autor.

Por outro lado temos a interpretação freudiana realizadas por algumas feministas⁹ afirmando que o autor associou as práticas sociais e performances ao atributo biológico permitindo uma perspectiva disciplinadoras sobre o gênero e sobre a sexualidade infantil. Deste embate, aparece uma importante questão: como se dão os processos de identificação do sujeito, levando em consideração que a biologia não é destino quando trata-se de compreender os papéis de gênero como instância de produções socioculturais, portanto, do campo sociológico? Jacques Lacan, parece nos oferecer elementos para refletirmos sobre estas questões. Ao promover um “retorno à Freud”, o psicanalista trabalha e desenvolve a noção de significante, o qual pode nos possibilitar compreender a condição que o gênero ocupa na psicanálise, uma vez que a própria categoria conceitual (gênero) e os debates em torno dela é posterior aos textos freudianos, mas contemporânea aos estudos de Jacques Lacan.

8 Toda criança seria capaz de experimentar os prazeres de múltiplas formas e maneiras, portanto, não havendo determinismo biológico na escolha do objeto.

9 Juliet Mitchell em “Psicanálise e Feminismo” descreve e analisa as discussões e interpretações feministas sobre as teorias freudianas, apontando os equívocos e distorções conceituais cometidos por algumas delas.

Significante e Identificação: o lugar do Queer na estrutura lacaniana¹⁰

É em seu nono seminário (1961-62) sobre a identificação que Jacques Lacan nos fornecerá elementos para pensarmos os processos de identificação, e nesta investida, buscarei analisar os sujeitos trans a partir dos pressupostos do autor.

A relação da identificação em Lacan se dá por duas vias, sendo elas pela equivalência e exclusão. Além disso, vale retomarmos a noção de significante¹¹ do psicanalista, o qual (o significante) encontra-se ausente de qualquer significado, não possuindo um conteúdo próprio. Lacan chega a compará-lo com um vaso.

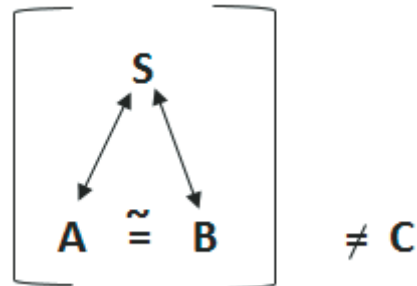
O vaso se caracteriza por ser vazio, sendo isso que o define em sua função significante: ele é significante de outros significantes, mas de nada particularmente significado. O vazio criado pelo vaso introduz a possibilidade de preenchê-lo, de dar-lhe significado: “é a partir desse significante modelado que é o vaso, que o vazio e o pleno entram como tais no mundo” (LACAN, 1959-60/1997, p.152 apud LUCERO; VOCARO, 2013: 25).

Assim, o significante nunca alcançará uma forma ou significado específico, um vez que se altera na medida em que o sujeito se reinventa e ressignifica sua relação com o mundo e com as coisas. Portanto, a identidade não é algo substancial, mas uma condição psíquica fluida e transitória, um encadeamento de significantes que produzem sentidos temporários, dado o vazio que marca sua condição na estrutura.

Sendo assim, podemos considerar que a identificação com o significante se dá a partir da posição do sujeito, podendo aqui nomeá-los como posição A e B. A posição de ambos são marcadas a partir de sua relação com o significante, por isso, não necessariamente A e B compartilham de um mesmo referencial (cultural, político, econômico, de gênero, sexual, etc.), mas encontram no significante (S) a relação de identificação. Nesta estrutura, o sujeito cuja posição não se reconhece no significante comum, como os mencionados pela posição A e B passam a alocar-se no depósito do real (C), naquele que se exclui em detrimento da posição no interior do modelo estrutural da identificação, tornando-se excluído, adversário, alteridade.

O Outro é o depositário dos representantes representativos dessa suposição de saber, e é isso que chamamos os de inconsciente,

na medida em que o sujeito perdeu-se, ele mesmo, nessa suposição de saber. Ele provoca isto sem sabê-lo. Isso, são os destroços que lhe voltam do que sofreu sua realidade nesta coisa, destroços mais ou menos irreconhecíveis. Ele os vê voltar, pode dizer, ou não dizer: “É isso mesmo”, ou até: “não é isto de jeito nenhum”, contudo, é realmente isso (LACAN: 24).



Busco a partir do modelo de estrutura da identificação em Lacan analisar as relações de gênero e sexuais quando inscritas fora de um modelo heteronormativo, o qual impõe sobre a genitalidade uma vida marcada por respectivos papéis de gênero atrelados as noções de masculinidades e feminilidades construídas aos longo dos processos históricos de uma respectiva sociedade e cultura, como os sujeitos trans.

Pensemos na noção do significante mulher, constituído a partir dos referenciais culturais de um povo e que mudam no tempo histórico. A partir do significante mulher, ocorre o processo de identificação do sujeito cuja posição que ocupa chamaremos de A. A, portanto, possui o atributo biológico “pênis”, enquanto o sujeito que ocupa a posição B possui o atributo “vagina”. O marcador social da diferença “pênis ou vagina” não torna-se destino da construção de pertencimento de gênero ou sexual, uma vez que ambos, apesar de diferentes posições na estrutura mantém uma relação de identificação com o significante “mulher”. Logo, aqueles que não se identificam com este significante acabam marcando uma outra posição, neste caso, fora da estrutura (C) e podem, inclusive, se identificar com outros significantes, como, por exemplo “homem”, mesmo possuindo uma vagina como formato anatômico.

A transexualidade aparece nesta estrutura como posição de identificação com o significante, e o formato anatômico não ocupa nenhum destino psíquico no que se refere a determinação dos papéis de gênero ou sexualidade/afetividade.

Mas, como encontra-se nesta estrutura os sujeitos cujo a identificação com o significante não estão marcados pelas masculinidades e feminilidades, mas sim por um hibridismo de ambos e também por outros papéis ou características de um “novo” gênero?

Para entendermos a condição destes novos gêneros, é importante que destaquemos a chamada Teoria Queer.

¹⁰ Este artigo foi inspirado nas aulas sobre o seminário 9 de Jacques Lacan (A identificação) ministradas pelo filósofo Daniel Omar Perez, professor do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

¹¹ Jacques Lacan (1959/1960) menciona que o vaso é o primeiro significante produzido pelas mãos do homem.

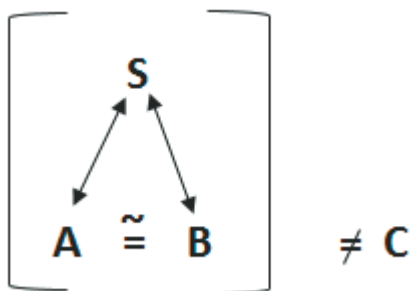
A Teoria Queer, de acordo com Miskolci (2012), emerge em um contexto de lutas políticas dos movimentos sociais pós-revolução sexual, - em particular norte-americano, leia-se Estados Unidos - e que buscam desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do uso dos prazeres e a ampliação das possibilidades relacionais. O Queer para Miskolci (2012) aparece como uma espécie de espírito iconoclasta e possibilidade de articulação política entre sujeitos que sofriam, constantemente, a violência dentro e fora dos movimentos sociais, como por exemplo, as/os travestis e transexuais, as mulheres negras lésbicas, os portadores do vírus HIV, entre outros. O que marca esta nova política dos anormais, que a posteriori será chamada de Queer são as demandas feitas a partir dos sujeitos;

(...) em outras palavras, chama a atenção para as normas que os criam. Essa mudança de eixo na luta política se fundamenta em duas concepções distintas com relação à dinâmica das relações de poder: uma que as compreende a partir da visão do poder como algo que opera pela repressão, e outra que o concebe como mecanismos sociais disciplinadores (MISKOLCI, 2012: 27).

Nesta ofensiva, o movimento Queer aparece como um guarda-chuva, abrindo diferentes reivindicações a partir da crítica do regime de normalização e fundamentando muitas de suas posturas políticas nos enunciados e produções feministas.

Apesar do Queer não se tratar de uma identidade, - de algo aprisionável ou estruturante, mas sim, o oposto, pois refere-se aquilo cujas marcas do gênero não capturam, cuja a expressão do desejo é fluida e rompe as lógicas binárias e regulatórias – o que começamos a visualizar no interior dos movimentos sociais e também nas redes sociais é justamente a apropriação do termo Queer como forma de legitimar-se como indivíduo cuja a identidade é cambiante e transitória. Alguns movimentos chegaram a incluir o Q no festival de letras que compõe as siglas do movimento LGBTT(Q)¹². E aqui se torna interessante percebê-lo a partir da análise da identificação em Lacan.

Retomemos novamente o esquema da identificação:



O Queer encontra-se na posição exterior da estrutura da identificação, portanto, sua relação com o significante (S) não se dá em nenhuma das posições que marcam A e B, ou seja, encontra-se na condição C, no denominado depósito do real, na alteridade. Porém, na medida em que a relação com o Queer – apesar das diferentes e distintas causas e proposições que esta luta política abriga – aparece como elemento de identificação, a condição ocupada por C torna-se um novo significante (S), permitindo que esses sujeitos ocupem diferentes posições, mas agora, no interior estrutural da identificação.

Nestas circunstâncias, pode o sujeito transgredir as prescrições binárias, afrontar as normas e produzir outros gêneros e identidades, uma vez que o significante (S) é o mesmo (Queer). Nomear o significante (isto não significa introduzir um conteúdo ou sentido), e associá-lo à outro, e nesta dinâmica de movimentos entre os significantes, os significados aparecem e se desmancham.

Referências

ABRÃO, Jorge. Luís. Ferreira. (2009). As origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: Entre a Educação e a Medicina. *Revista Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 14, n. 3, pp. 423-432, jul./set. ARÁN, Márcia. (2003). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, vol. 11, n. 2, Florianópolis, pp. 399-422.

_____. (2009). A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. *Revista Estudos Feministas*, 17(3), pp. 653-673.

AZERÊDO, Sandra. (2010). Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. *Revista Estudos Feministas*, v. 18, pp. 175-188.

BARREIRO, Alex. *Pedagogia dos desejos: eugenia, psicanálise e sexualidade infantil brasileira*. Editora Léxia, 2015.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. V I. São Paulo: Librairie Gallimard, 1970.

_____. *O Segundo Sexo*. V II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.

_____. (1998). Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Cadernos Pagu*, vol. 11, pp. 11-28.

12 Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros e Queer.

- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.* – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. (2010). Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. In *Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade* Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.) Florianópolis: Ed. Mulheres, 269-285.
- CORRÊA, Marisa. (2001). Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, 16 pp.13-30.
- DIMEN, Muriel. (2000). Corações estranhos: da relação paradoxal entre a psicanálise e o feminismo. In: Roth, M. (org.) *Freud: conflito e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 185-196, DRESCHER, Jack. *A História da homossexualidade e a psicanálise organizada*. In Quinet, Antonio e JORGE, Marcos Antonio Coutinho (orgs). *As Homossexualidades na Psicanálise*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. *Obras completas*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: (o pequeno Hans)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2012.
- _____. Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras psicológicas completas*, O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras psicológicas completas*, História da uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. A Organização genital infantil. In: *Obras psicológicas completas*, volume 16: O eu e o Id “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras psicológicas completas*, volume 16: O eu e o Id “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Obras psicológicas completas*, volume 16: O eu e o Id “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, 2010.
- LARA, Luciana Maccari. (2011). A castração materna e as possibilidades de subjetivação feminina: o mito de deméter. *Revista Práxis* – vol. 2 – Agosto, pp 9-13.
- LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro IV. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. *O Seminário – Livro V: As Formações do Inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. *O Seminário – Livro IX: A identificação*, Centro de Estudos Freudiano do Recife, Recife, 2003.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LATTANZIO, Felipe Figueiredo. *O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação*. Dissertação de mestrado apresentado ao departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2011.
- LUCERO, Ariana; VORCARO, Ângela. (2013). Do vazio ao objeto: das ding e a sublimação em Jacques Lacan. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 16, n. spe, p. 25-39, Apr. .
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Autêntica Editora, 2012.
- MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil– As origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993.
- MOUFFE, Chantal. (1999). Por uma política da identidade nômade. In: *Debate Feminista*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, pp 266-275.
- PERSON, E. & Ovesey, L. Teorias psicanalíticas da identidade de gênero. In: Ceccarelli, P. (Org.). *Diferenças sexuais*. (pp. 121-150). São Paulo: Escuta, 1999.
- RIBEIRO, Paulo de Carvalho. *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta, 2000.
- RIZZINI, Irene e PILOTTI, Francisco (org). *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da*

legislação e da assistência à infância no Brasil. 3^a.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis:12(2):264, pp.35-50.

SCOTT, Joan. (1999). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e sociedade*, V.15, n.2, jul/dez. SEDGWICK, EveKosofsky. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28) , pp.19-54.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp.187-205.

Recebido em 10/03/2015 e aceito em 10/05/2015.